

O ROSTO FEMININO DAS MIGRAÇÕES

*Ir. Maria Zoleide Scariot, mscs**

Dios ha infundido en el corazón de la Mujer una atracción toda particular por la cual ejerce un poder soberano sobre las mentes e los corazones (Scalabrini).

Em abril de 2006, participei do I Seminário Latino-Americano de Teologia e Migrações em São Paulo¹ o qual nos levou a pensar o fenômeno mundial da mobilidade humana nos dias atuais. Entre os assessores estava a professora e teóloga Maria Clara. L. Bingemer², que fez uma reflexão sobre a crescente presença das mulheres na massa migratória. Em sua reflexão, disse que as migrações têm, em boa parte, rosto feminino. Milhões de mulheres continuam migrando, saindo de suas cidades e países para enfrentar a incerteza e a insegurança das grandes cidades ou exterior. Segundo a vice-diretora geral, da Organização Internacional das Migrações (OIM), “as mulheres continuam encontrando dificuldades para obter empregos qualificados, em qualquer que seja a natureza de seus empregos, recebem salários inferiores a dos homens e permanecem sujeitas à exploração”. Por isso, a importância da visibilidade da inserção das mulheres, tanto no passado como no presente, nos fluxos migratórios, nos instiga a pensar nas transformações das relações de gênero no contexto das migrações. As mulheres emergem como articuladoras de redes sociais, tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem, tornando-se protagonistas da resistência na vida cotidiana.

* Irmã missionária scalabriniana. Responsável pelo Serviço de Animação Vocacional no Paraguai e Paraná.

¹ Os textos deste seminário foram publicados pela *Revista Espaços*, ano 14, n. 1, 2006.

² “O mundo migrante: passos para uma teologia e espiritualidade”, *Revista Espaços*, ano 14, n. 1, 2006, p. 17-38.

A mulher migrante carrega consigo um instinto natural de luta e de proteção da vida que a impulsiona a desafiar a própria morte, para encontrar meios, a fim de que os filhos possam ter melhores condições de vida. A esperança que a anima a prosseguir está fundamentada na certeza de que Deus caminha com ela e a acompanha, como acompanhou a outras mulheres, cujas histórias de vida encontramos escritas nos textos bíblicos. Essas mulheres, com suas estratégias e potencialidades femininas, podem iluminar nossa missão scalabriniana no serviço para e com a mulher migrante.

O rosto feminino na Bíblia

Diversos livros da Bíblia registram a voz de oposição e descrevem a crescente resistência da mulher. De modo particular, esse grito profético está retratado nos livros sapienciais e novelas como Rute, Cântico dos Cânticos e Judite.

No livro de Rute, há um relato sobre duas mulheres pobres e viúvas. Uma delas é estrangeira, ou seja, migrante, que planeja, executa e leva adiante o projeto de Deus, que é a vida na solidariedade (Rute 1,14-16).

O Cântico dos Cânticos reafirma a dignidade da mulher enquanto mulher. Esse livro é a memória de mulheres camponesas que lutam pela vida, pela comida, pela bebida, pela dignidade e pelo direito da mulher ser mulher.

O Cântico de Judite (16,1-17), surge de um contexto onde a mulher é, cada vez mais, considerada como um ser inferior e objeto do homem. Temos aqui uma mulher viúva e sem filhos (16,7). Ora, uma mulher viúva e sem filhos, na sociedade israelita, significava fraqueza, marginalização e incapacidade de manter e reivindicar os próprios direitos. O cântico é uma literatura alternativa, um texto que clama por vida e mostra que Deus é solidário com seu povo, com os pobres e pequenos. Judite é apresentada como a mãe do povo: "(...) meus jovens, meus pequeninos, meus filhinhos, minhas virgens (...) (16,4), (...) meus humildes, meus debilitados" (16,11).

A ânsia pela preservação da vida fez de Judite uma força potencialmente geradora de uma história nova. A sua teologia se expressa no cotidiano. Judite usa não só a sua beleza, mas as potencialidades de uma mãe que vê seus filhos ameaçados (Jt 16,4; cf. Os 13,7-8). Ela é a mãe defensora da vida. A vida que Judite gera, opera transformação: oprimidos e esquecidos se levantam, lutam e derrotam os inimigos que ameaçam suas vidas (Jt 16,11-12). A sensibilidade da mulher, seu inato sentido da vida e sua capacidade de escuta, permitem-lhe compreender o sofrimento das mulheres, protagonistas do processo de libertação. Elas assumem com coragem e garra essa missão.

Assim, também hoje, muitas mulheres migrantes constroem novos caminhos, conquistando espaços na sociedade, com uma espiritualidade que passa pelo cotidiano da vida, no chão dos problemas de grandes preconceitos, gravidez precoce, violência doméstica, abuso sexual, aborto e outros. Conseqüentemente, pelo desinteresse e negação dos seus direitos, muitas morrem e em geral, são mulheres pobres, indígenas e mestiças.

O rosto feminino do carisma scalabriniano

A congregação scalabriniana, atualmente, marca presença efetiva e eficaz entre diversas categorias de migrantes e refugiados. Entre estes, se encontram milhares de mulheres que continuam migrando por todas as partes do mundo. Na América Latina, as migrações femininas têm crescido significativamente na última década.

Particularmente, como irmã missionária scalabriniana (MSCS), sinto que a realidade atual que vivemos nos interpela, desafia e incentiva a ações concretas junto a mulheres migrantes, refugiadas e deportadas. Nosso fundador João Batista Scalabrini dizia: “Deus infundiu no coração da mulher uma atração toda particular, com a qual exerce um poder arcano sobre as mentes e os corações”.

Para colocarmos a serviço da mulher migrante é necessário sermos migrantes, estarmos disponíveis aos apelos da mobilidade humana, ao serviço gratuito e solidário. Temos em Madre Assunta um modelo de mulher peregrina, que com seu sim se fez “migrante com os migrantes”, deixando sua pátria sem nunca mais a ela voltar.

Estou em missão no Paraguai desde 2004, trabalho na formação das novas missionárias scalabrinianas. Atualmente, minha atividade pastoral é o serviço de animação vocacional nas Dioceses de *Ciudad Del Este/Py* e Foz do Iguaçu/PR - Brasil. Minha experiência concreta se dá no contato direto com a jovem vocacionada e com a família das mesmas. Tenho constatado que a mulher é aquela que procura manter a família com seu trabalho cotidiano, seja no campo ou na cidade. A maioria não migra por opção, mas por não encontrar opção de ficar e de dar uma vida digna aos filhos, marido, e, muitas vezes, aos pais e irmãos.

Encontro em minhas andanças mulheres que agem com autonomia, decisão e outras como Rute e Judite que, com astúcia, arriscam a vida em favor da família, dos filhos e dos mais necessitados. Vejo as marcas no seu rosto e nas suas mãos, que não são apenas sinais de sua idade, mas são marcas que o tempo imprimiu, marcas decorrentes do sofrimento e trabalho árduo, para colocar na mesa o alimento para os filhos. Também conheço a triste experiência de jovens migrantes que, grávidas, são expulsas de suas

casas e chegando na cidade, são exploradas no trabalho, como domésticas. Contratadas como trabalhadoras não qualificadas, obrigam-se a se adaptar a situações subumanas, tornando-se mais vulneráveis à violência e onde são violados seus direitos humanos e trabalhistas. Muitas, desesperadas, com medo e impossibilitadas de voltar aos seus lares, batem à nossa porta em busca de abrigo e proteção no *Hogar de Tránsito Santa Librada*, em *Asunción* – Paraguai. A acolhida dessas jovens é a atividade concreta realizada pelas Irmãs MSCS nesta realidade, respondendo a seu principal objetivo, que é o de oferecer meios para que a mulher migrante tenha uma formação integral e se capacite para assumir um trabalho com responsabilidade. Neste espaço é dada a oportunidade, por meio de cursos de formação e capacitação, para que estas jovens migrantes assumam sua própria identidade e sejam protagonistas de sua própria história.

Como irmã MSCS, percebo que hoje temos como grande desafio acompanhar a emigração de paraguaios, sobretudo mulheres paraguaias, para outros países como Argentina, México, Estados Unidos, especialmente Espanha. Diante da crise política e econômica, da desigualdade social existente no Paraguai, da falta de trabalho e de melhores condições de vida, para a grande parte dos paraguaios a emigração continuará sendo uma alternativa. Como se pode constatar é uma emigração recente, na qual grande número são mulheres jovens, mães solteiras e mães de famílias constituídas. A maioria busca trabalhos domésticos, pois é um dos serviços que elas conhecem e saber realizar. Trabalham muito para, no fim do mês, enviar quase todo o salário para sustentar, além das fronteiras geográficas, os filhos e, muitas vezes, os pais e o próprio marido. Na maioria das vezes, partem sozinhas e, na bagagem, carregam sonhos e projetos, mas ao chegarem no país de destino descobrem uma realidade que não é muito diferente daquela de seu país de origem: ausência de empregos, violência, exploração sexual. A grande diferença é que elas se encontram em situação irregular quanto à documentação, o que as obriga a aceitar serviços domésticos e a viver no anonimato, sem possibilidades de integração na sociedade. Mesmo assim, a esperança de uma vida digna para si e seus filhos continua acalentando seus sonhos e projetos.

Vemos, neste relato, a situação de como vivem muitas mulheres migrantes fora de sua pátria:

Desde hace dos años y medio Sonia trabaja en España, y sus hijas viven su niñez y su adolescencia bajo el cuidado de Luis Antonio, el padre de las niñas; Juana, la tía; Reina, la abuela y Luis, el abuelo. Juntos conforman hoy una de las tantas familias transnacionales que tiene el Paraguay. Como hijas de las remesas, Sole, Rita y Fátima admiten que la ida de su mamá era necesaria. La mayor de ellas cuenta que desde que

*Sonia cerró su almacén sus posibilidades de trabajo fueron mínimas. Sobrevivía como manicurista a domicilio. Pero su ingreso resultaba insuficiente. 'Ahora está ganando más y nosotras tenemos más cosas. A mí, por ejemplo, me manda ropas y botas', apunta. (...) Al migrar, muchas mujeres dejan a sus hijos con las abuelas o las tías. En algunos casos hay situaciones traumáticas porque muchas migrantes sienten que el migrar les ha hecho perder el rol de madres que después costa mucho a recuperar.*³

No Paraguai, a missionariedade scalabriniana é vivida como força feminina de esperança na formação de agentes da pastoral da mobilidade humana, no serviço de documentação, na catequese, na pastoral da saúde, na pastoral vocacional e na formação de novas missionárias scalabrinianas. A valorização do protagonismo da mulher migrante e sua parceria direta na ação marcam o estilo da missão das irmãs MSCS. Os serviços oferecidos às mulheres são diversos e existe um grande engajamento por parte das irmãs que atuam nas atividades sociais.

Para nós, irmãs MSCS, a mensagem do Papa Bento XVI, escrita por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do refugiado de 2007, deve ser um chamado e uma resposta ao compromisso de presença e apoio ao protagonismo da mulher migrante:

*Nos últimos tempos aumentou o número das mulheres que deixam o próprio país de origem em busca de melhores condições de vida, em vista de perspectivas profissionais mais prometedores. Mas não são poucas as mulheres que se tornam vítimas do tráfico de seres humanos e da prostituição. Quando as famílias se voltam a reunir, as assistentes sociais, sobretudo as religiosas, podem prestar um serviço de mediação apreciado e que merece ser cada vez mais valorizado.*⁴

Creio que a nossa presença feminina na Igreja e no mundo é um sinal de esperança, de apoio, de coragem e de solidariedade para muitas mulheres migrantes. Porém, cada vez mais, aumentam os apelos, para que assumamos com mais vigor o nosso carisma scalabriniano.

³ MURDOCH, Gabriela. *Diario ABC*, em ocasião do Día de la Madre em Paraguay, 15 de maio, 2007.

⁴ BENTO XVI, Papa. Mensagem do dia do Migrante e do Refugiado, 24 de abril, 2007. Disponível em: http://www.csem.org.br/artigos_port.html#MIGRANTES. Acesso em: 14/07/2007.